



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DE UM TRECHO DA FERROVIA DO AÇO

Jeceaba, MG
30 de maio

O Presidente José Sarney inaugura trecho da Ferrovia do Aço, percorrendo, durante uma hora e vinte minutos, o trecho entre Jeceaba e São João del Rei. A ferrovia que começa a 40km de BH, tem 336 quilômetros concluídos, até Saudade, no Rio de Janeiro.

26 de maio — O Presidente norte-americano George Bush comunica ao Congresso a abertura do processo de investigação contra o Brasil, a Índia e o Japão, por práticas desleais de comércio. O Secretário-Geral do Itamarati, Paulo Tarso Flecha de Lima, diz que o Brasil vai recorrer ao GATT.

30 de maio — É preso por 10 dias o General Euclides Figueiredo, que chamou de «covarde» o Ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, por este não ter apoiado o General Newton Cruz no caso da acusação do assassinato do jornalista Alexandre von Baumgarten. Newton Cruz se solidariza com Euclides Figueiredo e também é preso.

Brasileiras e brasileiros de Minas Gerais,

Minhas primeiras palavras, estando em terra mineira, são certamente de homenagem a este Estado tão presente

na História e na inteligência do nosso País. Homenagem que desejo render, especialmente neste ano em que todos nós relembramos o sacrifício daquele herói, santo e visionário, que foi Tiradentes.

Venho a esta terra valorosa para trazer, também, o testemunho do quanto ela representa de trabalho e dedicação do seu povo ao desenvolvimento do Brasil.

É para mim, também, uma grande satisfação estar em Jeceaba, porque ela é um exemplo extraordinário do que significam, em termos de criação e de prosperidade, os caminhos ferroviários que foram abertos no Brasil. Jeceaba cresceu e se desenvolveu pela criação de um ramal ferroviário da Central do Brasil, que a ligou a Belo Horizonte, promovendo, aqui, uma intensa atividade comercial e o desenvolvimento da região agropecuária circunvizinha.

A prosperidade de Jeceaba é, portanto, um exemplo vivo do quanto o progresso do Brasil deve à história de suas ferrovias. História de grandes lutas e de grandes desafios que foram vencidos.

A existência de transportes de baixo custo por tonelada/quilômetro, ligando os centros de produção ou de consumo e aos portos de exportações, é condição essencial para o desenvolvimento, sobretudo, dos setores mineral e agrícola.

Para dar um exemplo, tomemos o caso da soja brasileira. O custo da soja nacional é, atualmente, cerca de 32 dólares, inferior ao da soja produzida nos Estados Unidos. No entanto, nossas deficiências de transporte em ferrovia fazem com que a soja brasileira chegue ao mercado europeu com uma desvantagem final de 22 dólares em relação à soja americana. Isto porque os Estados Unidos dispõem de uma malha ferroviária 10 vezes maior do que a malha brasileira sendo quase do tamanho do Brasil, do seu território.

Se pegarmos o exemplo da Argentina, vamos verificar que a Argentina tem 1/3 do território do Brasil e tem mais 10% do que toda a malha ferroviária brasileira.

A existência, portanto, de um sistema eficiente de transporte de carga é uma condição essencial para uma economia-expansão, como a nossa.

Não foi em vão que Juscelino Kubitschek, saído deste chão, teve a oportunidade de marcar as metas do seu governo em dois pontos: energia e transporte. Sem energia e sem transporte não pode haver desenvolvimento. Para que o desenvolvimento exista, para que se cresça um por cento ao ano, é preciso que se cresça mais de um por cento em transporte e mais de um por cento em energia. Quando não se pode crescer em energia e transporte, criamos um gargalo para que o desenvolvimento não possa passar. Daí a necessidade que temos, no Brasil, de criar-se a consciência de que é básico, para a Nação, que se equacione estes dois setores fundamentais para o crescimento da nossa economia.

A expansão das ferrovias permitirá que o Brasil dinamize o transporte intermodal, que é um sistema revolucionário da conjugação dos diversos meios de condução para que o transporte fique mais eficiente, mais barato e mais rápido, e é hoje o sistema que se desenvolve no mundo inteiro. E que nós começamos, neste governo, a equacionar para o Brasil, silenciosamente, mas com uma percepção da modernidade do País para que ele possa crescer.

Foi com essa visão que viabilizamos a retomada das obras da construção da Ferrovia do Aço e montamos um sistema de participação financeira dos futuros usuários, sob a forma de antecipação de fretes.

Em março de 1987, eu aprovei a retomada da construção da Ferrovia do Aço, prevendo investimentos da ordem de 136 milhões de dólares.

Devo abrir um parêntese para dizer que, ao assumir o Governo, a Ferrovia do Aço estava parada. Não só a Ferrovia do Aço como, também, estavam atrasados todos os programas referentes à energia. Basta dizer que Itaipu encontrava-se atrasada quatro anos, e todo o sistema de transmissão de Itaipu acompanhava o mesmo atraso. Foi preciso retomarmos o ritmo para que o Centro-Sul não ficasse penalizado pelo racionamento, como ficou o Nordeste durante dois anos, sofrendo a indústria e todos os tipos de usuários do racionamento que teve que haver naquela região.

Neste período, depois que a Comissão terminou o seu trabalho, equacionamos que, não tendo o Governo Federal recursos, nós iríamos fazer conjuntamente com a iniciativa privada. E a iniciativa privada aceitou este chamamento. E foi responsável por 60% dos 134 milhões de dólares que foram investidos. Fizemos 320 quilômetros. Já existia, evidentemente, a infra-estrutura com muitas obras de arte, mas a superestrutura foi feita durante o Governo, dentro destes custos.

Para que se tenha noção do que foi gasto na Ferrovia do Aço, eu vou fazer uma comparação.

Na Ferrovia Norte-Sul nós inauguramos, agora, 117 quilômetros. Cada quilômetro custou 1 milhão e 200 mil dólares. Os trechos subseqüentes, por causa da topografia que é absolutamente plana, (no princípio ela tinha alguns acidentes) nós baixamos este custo para 600 a 500 mil dólares.

Da Ferrovia do Aço custou, cada quilômetro, 9 milhões de dólares, quase 10 vezes mais, se considerarmos a sua complementação, do que a Ferrovia Norte-Sul.

Mas, a verdade é que ela está pronta e vai representar uma disponibilidade de transporte de carga de 70% a mais da carga de Minas Gerais em demanda dos portos do Rio de Janeiro, de Sepetiba, de Angra dos Reis, principalmente estes três portos.

Quero também dizer que a mentalidade que se criou no Brasil foi a mentalidade rodoviária. As ferrovias foram abandonadas. A mentalidade era de retirar trilhos, acabar com os ramais antieconômicos como eram chamados. E por este Brasil inteiro houve um programa de se arrancar trilhos.

Corresponde, a este governo, o apostolado da conscientização de que o transporte do passado foi a ferrovia. Foi a ferrovia que, no passado, abriu e civilizou o interior. Criou, gerou e transportou riquezas. A ferrovia já é hoje o transporte do presente mas é, sobretudo, o transporte do futuro. E nós não podemos, no Brasil, ficar presos à mentalidade rodoviária sem que se ganhe a dimensão exata do que a mentalidade ferroviária constitui para a solução do problema dos transportes.

E, durante o meu governo, só no passado nós construímos 500 quilômetros de ferrovia. Estamos com os programas de ferrovia reativados, dando nova alma a este setor. Basta lembrar que nós, com criatividade, colocamos, também, a iniciativa privada para reativar o setor. Estamos com a Ferro-Norte, que foi ganha pelo Grupo Itamarati, que vai fazer uma ferrovia de 1.038 quilômetros que, partindo de Cuiabá, no sistema norte, vai a Porto Velho e a Santarém; e, no sistema sul, vai até Santa Fé.

Não devemos nos esquecer que, através de edital aberto e já ganho pela iniciativa privada, nós estamos com a Ferrovia do Oeste, que é aquela que vai, no trecho do Paraná, de Cascavel a Guarapuava, e vai alcançar, no futuro, Miranda, sem desconhecer que ela terá uma interconexão com o Paraguai, servindo de mais um elo no sistema de integração latino-americana.

Não podemos nos esquecer, também, em Santa Catarina, a estrada de 170 quilômetros que vai de Chapecó até Herval do Oeste.

Não podemos nos esquecer da Transnordestina, cujo edital está sendo lançado, que ligará Petrolina a Salgueiro e, no futuro, nós já podemos visualizar, nós veremos o Brasil cortado, de norte a sul, pela Norte-Sul; e de leste a oeste pela Transnordestina, com conexão com a que vai até Cuiabá. Neste dia há de ser lembrado que as decisões foram tomadas num instante de dificuldades, mas com uma visão de futuro.

Apesar das dificuldades que enfrentamos, o País se mobiliza para crescer. Mas devo lembrar, também, aqui, que, neste momento, nós abrimos o edital para a construção, pela iniciativa privada, edital já ganho, para o estabelecimento do trem-bala, que ligará o Rio de Janeiro a São Paulo e que irá colocar o Brasil numa nova tecnologia, tecnologia dos trens rápidos, dos sistemas modernos de transportes e que, naturalmente, isso terá repercussão, não somente na nossa indústria, como também na formação de pessoal para esse setor.

Não podemos nos esquecer, também, do melhoramento dos trechos que foram feitos, na área entre o Espírito

Santo, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, de cerca de 720 quilômetros. E já que estamos em Minas Gerais eu não podia deixar de lembrar o que disse outro dia, aos empresários mineiros que me visitaram, e que agora o Governador anunciou, isto é, o ramal a ser construído pela Vale, de Capitão Eduardo a Costa Lacerda.

Ano passado, apesar das dificuldades que nós enfrentamos, é preciso que se diga, ao contrário do que todo mundo fica repetindo como um realejo, que o Brasil está parado, o Brasil cresceu 20% nestes quatro anos. Isso significa uma Argentina. O Brasil cresceu em quatro por cento. O crescimento nestes quatro anos da América Latina foi 10,2 — dados publicados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, há duas semanas. E o crescimento do Brasil foi de 20% nestes quatro anos.

Isto sem entrar na discussão que, atualmente, os economistas colocam no jornal sobre a economia submersa que existe invisível, porque não podem negar que, se dizem que o Brasil está numa fase de estagnação, por todos os lados o que se vê são evidências de que nós estamos num tempo de grande progresso. Porque o desemprego já é o mais baixo da História do Brasil, de 3.28%. Como se explicar o aumento do consumo de energia elétrica, se nós estivéssemos parados? Como explicar o aumento das telecomunicações, que significa disposição para serviços em mais de 20%, se o Brasil não alcançasse esses números? E aí os economistas começam a duvidar dos seus próprios números e a refazer as suas teorias, dizendo que realmente há uma economia invisível, que ninguém pode negar, e que ela aí embutida modifica a visão que tem o povo brasileiro dos nossos problemas atuais e dos nossos números.

Mas vamos adiante. No ano passado, nós galgamos a sexta posição entre os produtores mundiais de aço. Produzimos em torno de 25 milhões de toneladas. Somente o Estado de Minas Gerais contribuiu com 40% dessa produção. Superamos também, em 1988, em cerca de 2 milhões de toneladas a produção de ferro gusa do ano anterior. E Minas Gerais novamente se destaca contribuindo com 55% desse resultado. Por três anos consecutivos o Brasil tem as maiores safras agrícolas de sua história. A agricultura nacional

tem se revelado o setor mais dinâmico da economia. O Programa Nacional de Irrigação, lançado no início do Governo, está revolucionando o campo. E nestes quatro anos nós já fizemos um milhão de hectares irrigados.

É exemplo vivo deste sucesso a existência, neste Estado, da maior área irrigada por pivô central do País, com cerca de mais de 24 mil hectares.

Caminhamos para a modernização da economia nacional. Estamos integrando novas regiões ao processo produtivo e promovendo um desenvolvimento harmônico e equilibrado em benefício de um número cada vez maior de brasileiros.

Peço ao Governador Newton Cardoso que transmita ao grande povo mineiro meus votos de admiração, confiança e respeito, votos estes com que iniciei o meu discurso.

Quero, também, na pessoa do Governador, homenagear o Estado de Minas Gerais, sabendo que o Senhor Governador está procurando, através do seu trabalho, dar uma contribuição valiosa ao desenvolvimento deste grande Estado.

Um dos versos imortais do itabirano Carlos Drummond de Andrade, para saudar o espírito de Minas:

*«Sinto a soprar da azulada cerrania
onde galopam sonhos e memórias
de gente que de humilde era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.»*

O espírito mineiro, penetrado de realidade, tem sempre lançado seu claro raio ordenador sobre a história das lutas e das conquistas da nacionalidade.

Hoje, mais do que nunca, a Nação demanda as virtudes da conciliação, que são apanágios do povo mineiro. Percorreremos um duro trajeto em direção à plena redemocratização do Brasil.

No nosso horizonte desenham-se os contornos da sucessão presidencial, que será o fecho da transição histórica.

Ao aproximar-se o término desta missão a mim confiada, consolida-se a convicção profunda de que tudo fiz, até o limite das minhas energias e até ao sacrifício pessoal, para que o estado de direito que entre nós renasceu prosperasse e desse os frutos sagrados da liberdade e da justiça.

Com os olhos postos no futuro desta Pátria de esperança, erigi-me guardião inarredável da democracia. Democracia tão duramente reconquistada para que cada cidadão brasileiro pudesse se orgulhar da civilização que construímos livre, justa e soberana como o sonho dos Inconfidentes.

Jamais persegui ninguém. Em momento algum cultivei ódios ou ressentimentos. Perdoei, invariavelmente, a ingratidão, a calúnia e a injustiça. E governei o Brasil nestes anos, em tempos difíceis de tempestades. Não é fácil um país sair de um regime autoritário para um regime de plena liberdade. Quantos países já tropeçaram neste passo gigantesco. E nós temos quatro anos em que caminhamos nesta direção, num clima de concórdia, num clima de paz, sem uma prontidão militar. E todos nós gozando este clima criativo da liberdade, abrindo espaços para que todos os setores da sociedade se manifestem. Criando condições para que as classes mais humildes tenham uma voz de participação política. Que as classes trabalhadoras ocupem o seu lugar nas decisões nacionais.

Quando se estudar a História futura do Brasil e ficarem os historiadores debruçados sobre este período hão de verificar que foi, neste tempo, que a sociedade brasileira passou por grande transformação graças ao espírito de liberdade e à condução da doação total por esta liberdade que o Presidente teve, e está tendo. Sem essa compreensão, sem aquele legado que Tancredo deu da conciliação, era impossível e é impossível retomar-se o caminho da liberdade plena e do estado de direito.

Tudo isto no tempo em que o Brasil sofreu problemas muito graves, não só internamente, mas também externamente.

Quando eu vejo a situação dos países vizinhos do Continente eu não falo pelo Brasil, que tem forças para re-

sistir, mas falo pelos outros países-irmãos do nosso Continente, que não foram ajudados a sair da sua crise em busca da democracia pelos países desenvolvidos que falam em liberdade, falam em democracia, mas não ajudam os países a fundarem as suas democracias dentro dos princípios e dos ideais democráticos. Criaram o protecionismo, evitando que os nossos produtos pudessem marchar nos mercados mais desenvolvidos. Criaram barreiras de toda a natureza. Só no Brasil, no meu Governo, mais de quatro retaliações. E ainda há poucos dias estamos sendo incluídos no sentido de coagir o nosso mercado, no sentido de que ele não possa avançar no futuro.

Monta-se contra o Brasil, internacionalmente, uma campanha para colocar o nosso País como o vilão da ecologia mundial, quando são os países desenvolvidos que jogam no ar, diariamente, as maiores toneladas de dejetos industriais que modificam a temperatura da Terra e que condenam o homem, sem dúvida, a um período no qual o nosso Planeta pode criar uma antiexistência contra a própria vida.

Portanto, é nesse tempo de dificuldades que nós estamos lutando e, aqui dentro, vencendo. E que, certamente, neste ano, vamos consolidar com a transmissão do poder, a quem for eleito pelo povo, o processo democrático, que é irreversível porque da democracia nasce, sem dúvida, o desenvolvimento.

E aqui, em Minas Gerais, plantaram-se, no País, os primeiros gritos que colocaram nas nossas consciências e nos nossos corações, a nossa dedicação e o nosso sacrifício pela liberdade.